



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Passeio com Clarice

Nesta época do ano, sempre penso que Clarice Lispector, ao visitar Brasília na década de 1970, escreveu que as árvores da cidade eram mirradinhas, pareciam ser de plástico. Pode parecer ocioso repisar a preocupação, mas a palavra de Clarice tem um peso considerável e precisa ser confrontada com a realidade.

Se ela estivesse viva, gostaria de convidá-la a percorrer a cidade para sentir o contraste exasperante entre a feição de

deserto e as surpresas da estação. Primeiro, passaria pela Esplanada para mostrar que, apesar das intrigas golpistas, aquele pedaço da cidade pode produzir uma notícia boa: os ipês-amarelos.

Informaria o alerta dos cientistas de que a floração seria afetada pelas mudanças climáticas. E, de fato, isso aconteceu em vários pontos da cidade. Não como eu temia, rareando quase que completamente, como ocorreu em alguns anos passados. Mas, sim, florescendo no mesmo espaço em tempos e ritmos diferentes. Alguns ensaiam, mas não conseguem completar a floração de maneira plena. Todavia, felizmente, outros esplendem com aquela radiação extraordinária de amarelo.

O próximo ponto seria a área verde da 402 Norte, que reúne uma alameda de ipês-amarelos. Lá, embora ocorra a irregularidade no tempo da floração, o conjunto transmite uma vibração de girassol dos quadros de Van Gogh. Em seguida, levaria a visitante para dar uma passada pela QL 14, onde algumas árvores transmitem a visão do esplendor.

Se ela me perguntasse o que acho da ideia das excelências, de ordenarem o plantio de milhares de mudas de ipê-amarelo no Plano Piloto e nas outras regiões administrativas, eu responderia com aprovação, mas reservas. Claro que, principalmente, as cidades da periferia padecem de desigualdade ambiental e se tornariam mais agradáveis com a arborização.

No entanto, observaria que não adianta as excelências prometerem plantar milhares de mudas de ipê-amarelo se não cuidarem da questão ambiental no PP-CUB e em outros instrumentos de preservação. Sem esse desvelo, esse patrimônio brasiliense estará comprometido. Com as mudanças climáticas, as mudas não terão condições saudáveis para se desenvolver. Não vejo as excelências chamarem nenhum cientista para ouvir o que ele tem a dizer.

É preciso convocar os pesquisadores para saber, por exemplo, se, nas novas condições climáticas, será necessário ou viável fazer uma irrigação especial dos ipês durante certo período. Uma autoridade disse que nós não precisamos nos

preocupar com a floração dos ipês. E isso me deixou muito preocupado.

Porque ela é um pequeno alerta de coisas mais graves que estão acontecendo e irão acontecer. Tudo está interligado, as alterações do clima, as mudanças de temperatura, as instabilidades no ciclo das chuvas, as queimadas, as ondas de fumaça tóxica no céu e as florações dos ipês.

Essas divagações me passaram pela cabeça enquanto fazia um passeio imaginário com Clarice pela cidade. Mas tenho certeza de que ela reveria a imagem das árvores mirradinhas de plástico e ficaria impactada pela visão do esplendor dos ipês-amarelos. Mesmo na aridez, a beleza é sempre uma promessa de felicidade.

IRREVERÊNCIA, RISOS E gargalhadas

Celebrado hoje, o Dia Nacional de Contar Piadas homenageia a tradição de divertir as pessoas por meio do humor

» EDUARDO FERNANDES
» GIOVANNA KUNZ

No Brasil, o Dia Nacional de Contar Piadas é celebrado hoje. Embora a origem da data seja desconhecida, é uma oportunidade para arrancar risos com boas histórias. No entanto, o humor é tão importante que também existe o Dia Internacional da Piada, comemorado em 1º de julho, que tem uma origem curiosa: foi criado em 1994, pelo comediante e escritor Wayne Reinagel, para promover seu próprio livro de piadas.

Enquanto antigamente as piadas circulavam de boca em boca, nas praças e festas de família, hoje, elas viajam em alta velocidade pelos grupos de mensagens e redes sociais. Mesmo assim, o propósito continua o mesmo: rir junto e fazer do mundo um lugar mais feliz.

O comediante brasiliense Valter Nunes, 40 anos, que faz shows de stand-up há quase uma década, afirma que, apesar de a comédia ser o seu ganha-pão, é uma válvula de escape para situações adversas. “No momento de tristeza, de amargura, quando não estou legal, a comédia me ajuda. Apesar de eu vender comédia, ser o meu produto de trabalho, também é o meu abrigo”, reflete.

Ao contrário do que muitos “tios do pavê” acreditam, Valter Nunes considera que não existe uma fórmula para uma boa piada, então, quando está no palco, busca trazer histórias que reflitam a realidade do público. “Quando a pessoa vive certo assunto, vai achar mais graça e se encontrar nessa piada.”

Por preferir criar de acordo com o público e com o contexto no qual está inserido, Valter Nunes tem uma apresentação de improviso, intitulada Por um fio, onde a plateia sugere temas e ele cria piadas na hora. Ao mesmo tempo em que podem ser cômicas as falhas na criação de uma história engraçada, os acertos surpreendem os espectadores.

Além da profissão, o comediante tem certeza de que o humor pode mudar o dia de alguém. De acordo com ele, após os shows, recebe muitos relatos de pessoas tristes e cheias de problemas que conseguiram se esquecer das coisas ruins e descontraí-las. “Acho isso ótimo. Melhor do que o cachê é quando uma pessoa fala da importância que o show teve para ela”, destaca.

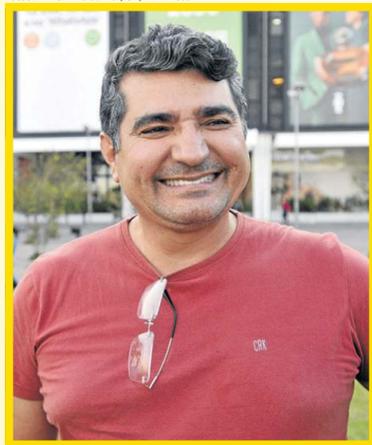
A comédia está presente na vida das pessoas desde muito cedo e foi exatamente assim que Valter Nunes decidiu que esse seria o seu ofício. Ainda criança, tinha um primo gaiato, responsável por contar a primeira piada que ele escutou. Desde então, o comediante se interessa pelo conteúdo e se desenvolveu na área.

Embora a piada contada pelo familiar não esteja nas apresentações, Valter Nunes fez questão de compartilhar: “Tinha um professor dando aula e ele estava revoltado, pois os alunos faziam muita bagunça enquanto ele tentava explicar a matéria. Como ninguém colaborava, o professor falou: ‘Aquele que se julgar burro, fica em pé agora’. Todos os alunos ficaram sentados, até que Joãozinho se levantou. O professor questionou se ele se achava burro e o estudante respondeu: ‘Não me acho burro, mas fiquei com pena de ver o senhor em pé sozinho.’”

Histórias

Para celebrar a data, a reportagem saiu pelas ruas de Brasília para ouvir histórias engraçadas. Baltazar Silva, 42, mora na Bahia e estava na capital a passeio, mas é um fã de piadas e resgatou uma que conta para os amigos: “Um rapaz gostava de beber, chegou a um bar, mas não tinha dinheiro. Na vitrine, viu que tinha um bolo e pediu um pedaço. Com o bolo na

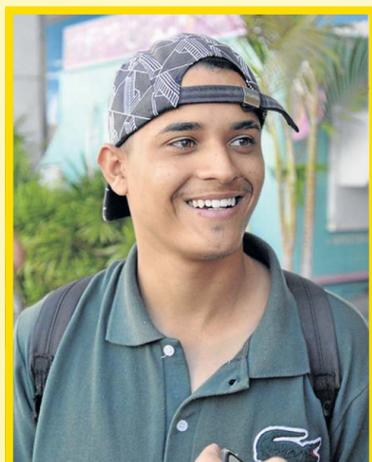
Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Evandro Braga prefere escutar uma boa história para rir



O brasiliense Valter Nunes é comediante há mais de nove anos



Lucas Santos gosta de compartilhar as anedotas que tem decoradas



Baltazar Silva sempre conta piadas para os amigos



Anderson Maxwell é comerciante e utiliza o humor diariamente em seu trabalho



mão, falou com o dono do bar: ‘Não vou comer este bolo, troca por uma pinga?’. Ele devolveu a fatia, pegou a pinga e foi saindo sem pagar, mas o dono disse: ‘Rapaz, vem pagar a pinga’, e ele respondeu: ‘Eu fiz só trocar pelo bolo’. Em seguida, o dono falou: ‘Então paga o bolo’, aí o cara respondeu: ‘Eu comi bolo por acaso?’”

O vendedor Anderson Mazwel, 23, provou que a comédia também é uma grande aliada do próprio trabalho. Ao tentar convencer os clientes a comprarem suas balas, sempre faz uma brincadeira. Para o repórter, ele disse: “Você viu a notícia que passou na televisão ontem? Que você ia comprar um Fim meu hoje?”

Lucas Santos, 22 anos, afirmou que tinha uma piada boa, mas que é necessário ser muito inteligente para entendê-la. “Sabe por que na Argentina as vacas olham para o céu? Porque tem Buenos Aires”, brincou ele.

Evandro Braga, 41, optou por um comentário curto, mas, assim como o comediante Valter Nunes costuma fazer, explorou a identificação com o repórter: “Sua barba é cheia e dura, você percebeu? Cheia de falhas e dura de nascer”.

Aliada

Além de ser uma ferramenta de comunicação poderosa, a psicóloga Rita Brum afirma que uma boa risada pode ser o melhor remédio, pois conecta, cura e transforma. “O riso é um antídoto natural contra o estresse. Ele reduz a tensão, estimula hormônios do bem-estar como endorfina e serotonina, melhora o humor e até fortalece as conexões sociais.”

A piada se torna um instrumento ainda mais valioso para promover o bem-estar, pois há uma troca entre as pessoas. “Compartilhar o riso pode fortalecer os laços sociais e promover um senso de pertencimento”, destaca o professor do curso de psicologia do Centro Universitário UNICEPLAC e psicanalista Paulo Henrique Roberto.

Para ter uma relação saudável, também é importante que o humor seja gentil e compassivo. No começo da carreira, Valter Nunes tinha um show nomeado *Com isso não se brinca*, mas com a maturidade, reformulou o próprio modo de pensar e de se expressar, então, reformulou o show. “Essas piadas não se encaixam mais na história que eu quero contar.”